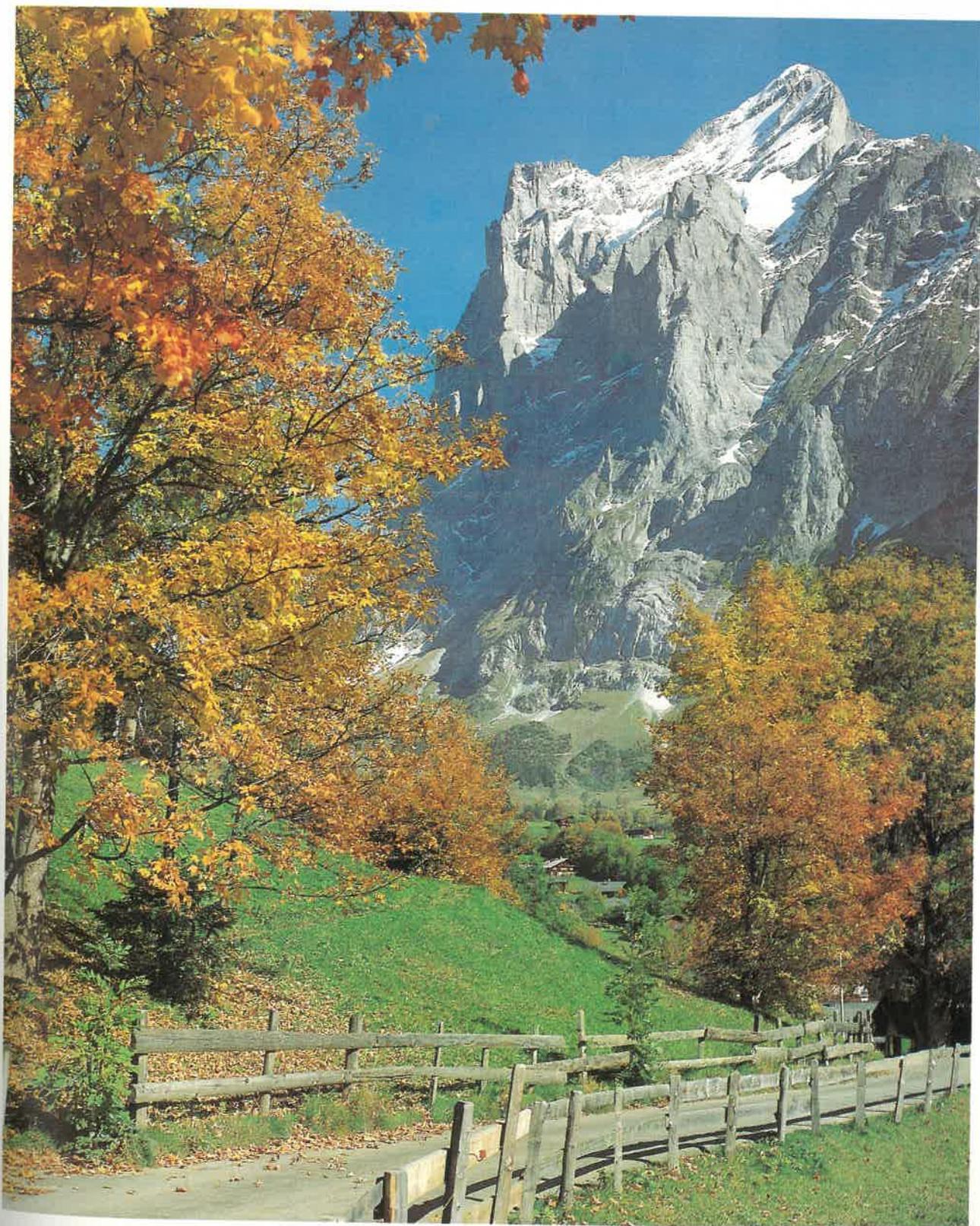


# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Novembro 1990





# Hino Oficial da Conferência Geral baseado na divisa escolhida

## Nós o Veremos

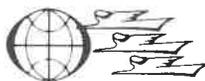
1. Nós O ve-re-mos, retor-nan-do em gló-ria. Con-tem-pla-re-mos o  
 2. Nós O ve-re-mos na ma-nhã glo-rio-sa. Con-tem-pla-re-mos o  
 3. Nós O ve-re-mos em ra-dian-te bri-lho. Nos-so lou-vor al-can-

Rei Sal-va-dor. Com mui-tos an-jos, nós O lou-va-re-mos  
 Seu es-pren-dor En-to-a-re-mos, hi-nos de vi-tó-ria  
 çare-mos o Céu. Com san-tos an-jos, O e-xal-ta-re-mos

1. 2.  
 Can-tan-do em co-ro, Ho-sa-na! A-mém!  
 Can-tan-do em co-ro, Ho-sa-na! A-mém!  
 Can-tan-do em co-ro,

3.  
 Ho-sa-na! A-mém! Ho-sa-na A-mém.

## Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Novembro de 1990

Ano L • N.º 524

**DIRECTOR:**

J. Morgado

**REDACTORA:**

M. R. Baptista

**PROPRIETÁRIA E EDITORA:**

Publicadora Atlântico, S.A.

**REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. 542169

**PREÇOS:**

Assinatura Anual 750\$00

Número Avulso 75\$00

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**

Santos & Costa, Lda.

Vale Trabalho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

## Sumário

- 2 Hino Oficial da Conferência Geral
- 3 Missão Global  
Por J. Morgado
- 4 Nós o Veremos  
Nas Maravilhas da Criação  
Por Ariel Roth
- 6 TEMPO — É quase meia-noite  
Por Deolinda Teixeira
- 8 O Cego Bartimeu  
Por Alice Pickett
- 9 Os Sacramentos em face das Sagradas Escrituras  
Por J. M. Matos
- 10 O que se espera do Professor Adventista  
Por Pedro Apolinário
- 12 Os Jovens também são o Exército de Deus  
Por José Carlos Costa
- 13 Notícias do Campo

# MISSÃO GLOBAL



O êxito que as anteriores campanhas de evangelização — «Mil Dias de Colheita» (1980-85), «Colheita 90» (1985-90) — alcançaram em todo o mundo leva-nos a crer que a Igreja mundial alcançará novamente uma vitória nos anos que vão de 1990 a 1995.

Falamos dos êxitos que a Igreja alcançará. Mas para que a Igreja, no seu conjunto, alcance essas vitórias, é necessário que nós, individualmente, as ganhemos também. Quantos são os membros activos em cada igreja? Quantas são as pessoas prontas a colaborar? É uma percentagem que raramente ultrapassa os cinquenta por cento da igreja.

A nossa União propõe-se alcançar, através de inúmeras actividades, três objectivos definidos.

1.º **Conservar e recuperar** os membros de igreja ausentes.

Já pensaram quanto trabalho é necessário para isso? Outro dia estive numa igreja que se dispunha a eliminar um número razoável de membros que a deixaram de frequentar. É sempre triste chegar à conclusão de que não há outro caminho a seguir senão irradiar, cortar, eliminar, etc., etc.

Penso que há várias acções que deveriam ser empreendidas para conservar e recuperar os membros de igreja ausentes.

A conservação dos membros nas suas igrejas passa por acarinhar, visitar e empregar os seus próprios talentos. Mantenham activos todos os membros de igreja. Proponham-lhes planos de acção missionária, de visitação, de actividades várias.

Aproxima-se uma nova Semana de Oração anual. É uma época ideal para nos lembrarmos uns dos outros. Envie pelo correio, ou entregue pessoalmente, um exemplar da *Revista Adventista* contendo as leituras para esta semana especial a quem está afastado. Convide essa pessoa a estar presente nas reuniões da igreja ou em sua casa. Nos lugares mais afastados, colaborem uns com os outros, e ofereçamos a nossa casa para alguns irmãos se reunirem.

A primeira acção que vos proponho é uma cadeia de orações pelos que estão fracos ou afastados. Quanta visitação se poderia fazer e remediar assim problemas que surgem nas igrejas!

2.º **Realização de Seminários.** Com este plano missionário a União visa o público, a evangelização.

A segunda proposta que vos faço é, por conseguinte, uma colaboração mais intensa nos planos de evangelização das vossas igrejas.

Estive no último Sábado numa igreja que havia distribuído cartões com resposta paga e ia iniciar o contacto com as pessoas que responderam. Disseram-me que era a preparação para as acções de evangelização de Março-Abril do próximo ano. É este, de facto, o caminho normal para o êxito: primeiro o contacto pessoal e a seguir a evangelização pública.

Estão programadas, pelos vários pastores das igrejas, 183 acções missionárias para 1991: Planos de 5 Dias, Seminários de Daniel e Apocalipse, Família, Stress, Nutrição, Escolas Cristãs de Férias, etc.

É um trabalho imenso para cada igreja e grupo, mas a promessa do Senhor é que estará connosco «todos os dias, até à consumação do século», e mais, que não nos deixará «órfãos», mas nos dará «o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós» (Mat. 28:20; João 14:17 e 18). O Senhor está, pois, lutando ao nosso lado, através do Espírito Santo.

Estas acções missionárias terão em vista a conservação dos nossos membros de igreja e a aquisição de novos membros.

3.º **Transformação de alguns grupos em igrejas organizadas.** Este é outro dos nossos objectivos como União e o terceiro plano que propomos a cada um de vós.

Há vários grupos que se têm formado ao longo dos anos como resultado de várias acções missionárias das igrejas. Desejaria lembrar esses grupos e propô-los às vossas orações, à vossa visitação e, quem sabe, se alguém desejará ir residir na sua área para lhes dar uma melhor colaboração!

GRUPOS	Número de membros	Igreja responsável
ARCOS	16	BRAGA
VIZELA	8	BRAGA
V. CASTELO	12	V. CONDE
V. MEÃ	—	O. DOURO
S. FÉLIX DA MARINHA	12	ESPINHO
CHAVES	8	VILA REAL
BRAGANÇA, MACEDO, MONCORVO	6	
SILGUEIROS	8	UISEU
PEDRALVA	6	SANGALHOS
ALBERGARIA	7	AVEIRO
ABRANTES	13	TOMAR
CELORICO	9	GUARDA
COVILHÃ	1	ATALAIA
PÓVOA STA. IRIA	12	LX. CENTRAL
SINES	5	SETÚBAL
MOURA	5	
ELVAS	8	
CATUJAL	12	LX. ROÇADAS
NISA	14	P. DE SOR
S. BRÁS	5	FARO
TAVIRA	20	V.R.ST. ANT.
ALBUFEIRA	12	PORT./LAGOA
LOMBA DE S. PEDRO	12	P. DELGADA
HORTA		

Seremos nós capazes de realizar esta tarefa? Sem Deus nada nos será possível, mas com Ele ao nosso lado, a vitória será certa!

J. Morgado



# Nós o Veremos Nas Maravilhas da Criação

**Ariel Roth**

*Director do Geoscience Research Institute*

*Mensagem devocional  
apresentada à Assembleia  
da Conferência Geral na  
manhã de domingo,  
dia 8 de Julho de 1990*

**E**m meados do século passado, as interpretações científicas que declaravam que não havia nenhum criador começaram a ganhar aceitação geral. Charles Darwin publicara o seu famoso tratado sobre a evolução em 1859. E embora severamente criticado a princípio, ele depressa conseguiu o apoio da comunidade intelectual mundial. Talvez seja mais do que coincidência o facto de nesse preciso momento a Igreja Adventista do Sétimo Dia começar a proclamar a mensagem do primeiro anjo que se opunha à evolução, dado que nos concitava a adorar «Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas» (Apoc. 14:7).

A existência de uma controvérsia entre criação e evolução não deveria surpreender-nos. Há quase 2 000 anos esta batalha intelectual foi vista profeticamente pelo apóstolo Pedro, que declarou que nos últimos dias surgiriam escarneadores andando segundo as suas próprias concupiscências, os quais voluntariamente ignorariam a obra da Criação e o Dilúvio (ver II Ped. 3:3-6). Esta profecia foi dramaticamente cumprida no século passado, em que vemos a evolução tomar o lugar da criação e longos períodos geológicos tomarem o lugar do Dilúvio. Pedro poderia ter escolhido mil ideias diferentes que fossem significativas dos últimos dias, mas é notável que ele tenha seleccionado precisa-

mente os dois principais temas em que a interpretação científica e a Bíblia se chocam.

A Bíblia diz que tanto o Pai como o Filho tomaram parte na criação (Gén. 1; 2; Êxo. 20:11; João 1:1-3; Col. 1:16, 17; Heb. 1:2). Ellen White deu-nos mais alguns esclarecimentos sobre o modo como o Pai e o Filho trabalharam juntos ao dizer que «o Pai consultou a Seu Filho a respeito da formação do homem». (*Spiritual Gifts*, vol. 3, p. 36.) Neste acto de criação, de Deus e de Cristo, podemos ver que ele obedece a um desígnio superior. E isso contrasta vivamente com os resultados que seriam de esperar de um processo evolutivo não guiado.

Talvez que a mais séria questão que um cientista tem de enfrentar, ao considerar se existe um Criador, seja o problema da origem da vida. Alguns cientistas estudaram este assunto, e baseados no nosso conhecimento da física, química e matemática obtiveram números muito impressionantes mostrando a elevada improbabilidade de a vida poder começar espontaneamente.

A declaração do prémio Nobel George Wald tipifica o dilema da evolução:

«Uma pessoa tem apenas de contemplar a magnitude desta tarefa para admitir que a geração espontânea de um organismo vivo é impossível. Todavia, eis-nos aqui, assim o creio, como resultado de geração espontânea.»<sup>1</sup>

Semelhantemente, o notável astrónomo Sir Fred Hoyle comparou a improbabilidade de a vida começar por si mesma com a casualidade de um tornado reunir todas as peças de um

Boeing 747 ao soprar sobre um monte de sucata.

Para aumentar o dilema contribui também o facto de hoje não se verem evoluir nos animais e plantas novos órgãos ou sistemas de órgãos. Se a evolução é um processo em marcha, evidências deste género de desenvolvimento deveriam poder ver-se. Porém, o que a ciência mostra é que há um desígnio definido por parte de um Criador.

## **Desmentindo a Evolução**

Vemos na natureza muitas evidências que desmentem aquilo que poderíamos esperar de uma evolução não guiada. Charles Darwin admitiu uma vez ao seu amigo e apoiante, o botânico Asa Gray, que quando olhava para as penas da cauda de um pavão isso o fazia sentir-se mal.<sup>2</sup> Porquê? Porque é difícil acreditar que o belo e complicado desenho de uma dessas penas pudesse ter sido produzido apenas pelo acaso. O mesmo se poderia dizer das riscas da zebra, ou de muitas outras peculiaridades biológicas.

Não menos maravilhosas são as complexidades dos sistemas genéticos. Em cada uma das células do nosso corpo existem mais de 3 biliões de *bits* de informação genética, alguns dos quais numa ordem muito específica. Esta informação, que está intrincadamente dobrada em cada célula, teria o tamanho de 1 metro e trinta quando aberta, e nós possuímos cerca de 10 triliões de células nos nossos corpos, cada uma com essas tais informações. A acrescentar a isto há ainda a nossa capacidade de reprodução e crescimento. É difícil pensar que todas estas coisas pudessem ter sido desenvolvidas sem uma inteligência guiadora.

Provavelmente a estrutura biológica que maior admiração provoca é o cérebro humano. Ele contém 14 bilhões de células interligadas por cerca de 402 250 Km de fibras. Que possamos pensar correctamente — pelo menos assim o esperamos! — isso é um milagre da criação. Mas a isto temos de acrescentar ainda as funções especiais do cérebro que estão para além da compreensão da ciência. Refiro-me a factores como a consciência, o amor, a lealdade e a moralidade. Na verdade, nós podemos dizer com o salmista: «De modo terrível e tão maravilhoso fui formado» (Sal. 139:14). Há muitas deduções científicas que falam de um Criador.

Ao examinarmos as evidências de passada vida na terra, tais como se podem observar em milhões de fósseis, há um outro facto que parece destacar-se em apoio da criação. Nós não encontramos os elementos de transição de uma espécie para a outra, que seriam de esperar se a evolução fosse verdade. Por exemplo, quando encontramos um animal singular como um fóssil de tartaruga, nós podemos sempre reconhecê-lo como um fóssil de tartaruga. Os estádios intermédios entre a tartaruga e outro animal, fosse ele qual fosse, do qual se suponha que esta tenha evoluído, não apareceram.

O paleontologista David Kitts, da Universidade de Oklahoma, chamou a atenção para o facto de que há mais de um século que o estudo dos fósseis «tem apresentado algumas aborrecidas dificuldades para os evolucionistas, a mais notável das quais é a presença de 'lacunas' no registo do fóssil.»<sup>3</sup> Estas lacunas, ou fossos, são especialmente notáveis entre as maiores categorias de plantas e animais. Mesmo as ideias mais recentes, de que a evolução avançaria de acordo com um padrão de evolução gradual, exigiria que encontrássemos muitos elementos de transição entre as maiores categorias de organismos. Estando tais elementos ausentes, o registo do fóssil acaba também por dar testemunho da criação.

### Nem tudo está bem na Criação

Contudo, quando olhamos para a criação, vemos que nem tudo está bem. Já alguma vez se interrogaram se foi Deus que criou os tubarões que

comem seres humanos? E o que se passa com os percevejos? Estes insidiosos e persistentes animais têm arruinado muitas noites de bom repouso. Algumas pessoas tentaram explicar a sua presença na criação sugerindo que Deus os criou para nos impedir de dormir demasiado! A mesma linha de raciocínio se poderia usar para dizer que Deus criou os ratos para nos ensinar a guardar as coisas.

A Bíblia tem uma explicação melhor. Génesis 3:14-19 fala de uma maldição sobre a natureza como resultado da queda do homem, e Romanos 8:22 diz-nos que «toda a natureza geme e está juntamente com dores de parto, até agora.» O pecado, com o seu processo de degeneração de milhares de anos, e doença e morte a cobrarem os seus direitos, tem tido os seus efeitos sobre a natureza. Todavia, a criação é tão extraordinária que, a despeito dos efeitos do pecado, a natureza dá ainda testemunho de um Criador.

### Problemas com a Ciência

Há outros problemas, não especificamente inerentes à evolução em si mesma, que precisam de ser considerados. Há dois séculos, o matemático e astrónomo francês Pierre-Simon de Laplace desenvolveu a hipótese da nebulosa, que propunha que o sistema solar tivesse tido origem na condensação da matéria vaporosa. Laplace, que então já se tornara famoso, decidiu oferecer um exemplar de um dos seus livros ao imperador Napoleão. Ora este fora informado de que o livro não continha qualquer referência a Deus e por isso, ao receber o livro, perguntou a Laplace porque é que ele nem sequer mencionara no seu livro o Criador do universo. Laplace respondeu simplesmente «que ele não precisara dessa particular hipótese.»<sup>4</sup>

A tendência da ciência para a auto-suficiência, tal como a exemplifica o comentário de Laplace, é importante para determinar o valor intrínseco das conclusões científicas. O muito respeitado filósofo Michael Polanyi<sup>5</sup> comentou este problema. Ele acha que o problema profundo entre a ciência e todas as culturas radica nas circunstâncias associadas à origem da ciência moderna. À medida que a ciência se foi desenvolvendo, ela rebelou-se

contra o pensamento e autoridade medievais, rejeitando o raciocínio baseado em premissas, e escolheu o sentido da percepção como meio de estabelecer a verdade. A influência libertadora deste novo método de investigação tornou-se mais tarde patológica, quando a ciência limitou a realidade apenas ao sentido da percepção. O que resultou numa pura teoria mecanística do universo.

### Opiniões Diferentes

À medida que as ideias da ciência sobre a evolução e os longos períodos geológicos para o desenvolvimento de formas avançadas de vida iam ganhando aceitação, muitas igrejas proeminentes procuraram acomodar as novas ideias na sua teologia. Surgiram então opiniões intermédias entre a criação e a evolução. Tais opiniões, que ainda vigoram nos nossos dias na maioria das igrejas tradicionais, sugerem que a vida se desenvolveu durante muitos milhões de anos e que Deus esteve envolvido nos vários degraus deste processo. Alguns sugerem que Deus existe, mas não está envolvido em todo o processo, que Ele apenas deu origem à vida e que a seguir a evolução procedeu por si mesma. Outros ainda propõem que Deus ajudou o processo da evolução ou que Ele criou, sim, mas com intervalos de períodos muito longos.

Muitos teólogos, procurando conciliar as ideias dos longos períodos geológicos com a Bíblia, dizem, então, que o relato bíblico da criação do mundo é apenas uma alegoria. Declaram que a mensagem do Génesis é que Deus é o Criador, mas que o relato em si mesmo não é factual. Não se pode aceitar tal posição sem pôr em questão a integridade de importantes personalidades da Bíblia. Cristo e Deus, os apóstolos Pedro e Paulo, todos se referem à Criação e ao Dilúvio como acontecimentos factuais (II Ped. 3:3-7; I Ped. 3:20; I Cor. 15:22, 45; Heb. 11:7; Mat. 19:4; 24:37-39; Êxo. 20:11; Isa. 54:9). O seu testemunho autentifica tanto a Criação como o Dilúvio. Disto resulta que se cremos no relato bíblico no que se refere ao começo do mundo, estamos na boa companhia de Pedro, Paulo, Cristo e Deus Pai.

Deus seria um deus bem estranho

se criasse o mundo ao longo de milhões de anos e depois nos pedisse para guardarmos o Sábado do sétimo dia em memorial de Ele tudo ter criado em seis dias. E do mesmo modo Deus seria um deus estranho se permitisse que os Seus profetas fossem enganados durante milénios sobre um assunto tão importante como a criação do mundo, apenas para esperar que James Hutton e Charles Darwin nos dessem uma descrição correcta da maneira como o mundo começou.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, com o Sábado como memorial da Criação e com as mensagens dos três anjos que realçam Deus como Criador, tem uma missão específica para este tempo. Infelizmente, as mesmas pressões que levaram outras Igrejas a alegorizar o relato bíblico da Criação estão-se fazendo sentir sobre nós. Alguns dentre nós interrogam-se se os correntes conceitos científicos de longos períodos para o desenvolvimento da vida não deveriam ter prioridade em relação ao modelo bíblico da Criação. Tais debates requerem paciência e compreensão, mas não devemos perder de vista o facto de que uma das maiores contribuições do Adventismo tem sido a firme confiança na Palavra de Deus.

O Sábado é, possivelmente, a doutrina mais distinta da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tal doutrina, como um memorial da Criação em seis dias, estará em perigo quando começarmos a conjecturar que a vida se desenvolveu através de milhões de anos. E quando os actos criativos de Deus são postos em questão, isso lança também dúvidas sobre a Sua capacidade de recriar-nos e redimir-nos. A mensagem da graça e perdão de Deus e o Seu poder de redimir-nos repousam sobre a confiança na Sua Palavra. O mundo precisa dessa confiança para que muitos possam crer n'Ele e ser preparados para a Sua volta.

### Veremos um Novo Céu e uma Nova Terra

Virá o tempo em que contemplaremos um novo céu e uma nova terra. O apóstolo João teve o privilégio de receber um vislumbre da nova criação (Apoc. 21:1). Ele fala da santa cidade que desce do Céu como uma noiva, com o brilho de jóias preciosas

(vs. 2 e 11). Menciona um tempo em que todas as lágrimas serão enxugadas do nosso rosto, em que deixará de haver morte, choro e dor (v. 4).

Ellen White também contemplou um pouco desse mundo melhor: «As maravilhosas coisas que ali vi, não as posso descrever. Oh, se me fosse dado falar a língua de Canaã, poderia então contar um pouco das glórias do mundo melhor.» (*Primeiros Escritos*, p. 19.) E ao encontrar-se de novo na Terra, comentou: «Oh, quão escuro me pareceu este mundo.... Eu tinha visto um mundo melhor, e o actual perdeu o seu valor.» (*Ibid.*, p. 20.)

Hoje nós vemos uma criação que, embora ainda maravilhosa, está ma-

culada pelo pecado. Mas em breve veremos a criação perfeita de Deus em paz e resplandecente glória. E nós O veremos nas maravilhas da Sua Criação. Façamos tudo o que pudermos para preparar o mundo para este maravilhoso encontro.

1. G. Wald, «The Origin of Life.» *Scientific American* 191, N.º 2 (1954): 46.

2. F. Darwin, ed., *The Life and Letters of Charles Darwin* (London: John Murray, 1888), vol. 2, p. 296.

3. D. B. Kitts, «Paleontology and Evolutionary Theory», *Evolution* 28: 458-472.

4. Quoted in W. C. Dampier, *A History of Science and Its Relations With Philosophy and Religion*, 4th rev. ed. (Cambridge: Cambridge University Press, n.d.), p. 181.

5. M. Polanyi, *Knowing and Being* (Chicago, University of Chicago Press, 1969), p. 41.

## TEMPO — É quase meia-noite

**Deolinda Teixeira**

*Professora de música e esposa de pastor, escreve do Porto, onde reside. O desenho ilustrativo é da autoria de Samuel Abreu, da igreja de O. Douro*

Quem sou eu para o definir e explicar? Ouço a sua pulsação no tic-tac do relógio e fico absorta a meditar nos seus mistérios e implicações, na extensão dos seus domínios, no fatalismo da sua relação com a vida... Inflexível, inexorável, impiedoso — quem pode competir com ele? Ai de mim se não acerto o meu passo pelo seu nos trabalhos e compromissos que me desafiam! Ai do artista que se não deixasse reger pela sua batuta ou que ignorasse as suas marcações nos compassos que se propusesse interpretar!...

O que é tempo? Em vão eu me consumiria tentando transpor a barreira imposta pela queda dos maiores cérebros da História — Adão e Eva. Os mistérios com que me debato estiveram patentes ao seu estudo até ao momento em que o mau uso da divina faculdade do livre arbítrio encontrou espaço para a primeira fatalidade do tempo... Agora, aqui estou eu, sob o fascínio da superfície iluminada do meu globo terrestre, pensando em meridianos e fusos horários, relacionando o tempo com os movimentos da Terra e com o Sol, com fac-

tos, espaço e velocidade, evocando o relato bíblico da criação da primeira semana do mundo, limitada pelo marco divino — o Sábado — e o milagre da sua preservação até aos nossos dias... Mas tempo é mais, muito mais do que isto!...

Santo Agostinho, certa vez, lançou a pergunta e confessou: «Se ninguém me pergunta, eu sei; se desejo explicá-la a alguém que pergunte, eu não sei.»<sup>1</sup> A explicação continuou dramática ao longo dos séculos após a confissão do conhecido teólogo de Hipona, e não ficou mais fácil depois que o genial autor da  $E=MC^2$  alargou o horizonte científico com as revolucionárias teorias da relatividade. «O tempo não é mais explicado como uma variável uniforme — uma linha extensa de tempo na qual os eventos podem ser localizados — mas o tempo é agora visto como sendo ele mesmo determinado pelos eventos.»<sup>2</sup>

Em breve, quando se escoarem as últimas areias da ampulheta e, vencida a lei da gravidade — o pecado —, alcançarmos voo com Jesus através do túnel deslumbrante do Orion rumo ao Eden restaurado; quando as densas trevas do

tempo forem dissipadas pela «luz inacessível»<sup>3</sup> da eternidade, então não haverá mais definições obscuras e intrincadas teorias sobre a Criação, concebidas à margem do Livro do Criador!... «As coisas difíceis de se compreender terão ali explicação.»<sup>4</sup> Ser-nos-á revelado o «curso do grande conflito que teve a sua origem antes que começasse o tempo e terminará apenas quando este cessar.»<sup>5</sup> «Todos os tesouros do Universo estarão abertos ao estudo dos filhos de Deus.»<sup>6</sup> Todavia, se é certo que aqui ainda não sabemos tudo sobre nada, ali, nunca saberemos tudo sobre tudo, pois «surgirão novas culminâncias a galgar, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos assuntos a apelarem para as forças do corpo, espírito e alma.»<sup>7</sup> Teremos a eternidade para o estudo do infinito. Não faltará tempo para o espaço nem espaço para o tempo...

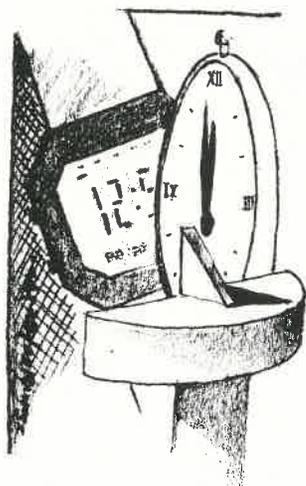
Até lá, continue a picareta do arqueólogo a dilacerar as entranhas da terra e pondo ao sol as pedadas do tempo! Continuemos a recordar com admiração e respeito Albert Einstein — o mágico do tempo, o brilhante cientista que alguns anos antes de descer ao pó — à matéria que tanto o apaixonara! — finalmente reconheceu no universo a presença de «um poder racional superior!»<sup>8</sup> Não nos desencantemos do estudo do tempo à luz da física e da astronomia, mas demos prioridade e particular atenção ao que o tempo representa na vida de cada um.

Enquanto permanecermos neste vale de lágrimas, viveremos no tempo e seremos afectados pela sua passagem, quer estejamos na típica aldeia do Piódão, quer na vertiginosa cidade de Nova Iorque. Nem cosméticos, nem cirurgias plásticas ou quaisquer artifícios, poderão confundir o tempo, pois ele não deixa as suas marcas apenas no nosso rosto, na cabeça, quiçá na coluna, mas dentro, bem dentro de nós, para além das artérias, do coração e até da mente — no próprio espírito! Não tentemos, portanto, driblar o tempo. Não conseguiremos violar impunemente as suas leis. O êxito e o fracasso, a prosperidade e a miséria, a cultura e a ignorância, a saúde e a doença, acima de tudo o nosso destino eterno, dependem mais do que talvez imaginemos do grau de percepção destas realidades. Não teremos saúde se tresnoitarmos, porquanto fomos biologicamente programados para dormir quando escurece e despertar quando amanhece. Não lograremos êxito, qualquer que seja o emprendimen-

to, esbanjando tempo, pois o tempo é um capital de reposição impraticável.

Albert Schweitzer, famoso médico missionário e um dos homens mais notáveis do século XX, disse tristemente, já quase no limite de uma vida de sacrifício e abnegação: «Algumas vezes eu desejo poder ficar parado numa esquina da rua, com o chapéu na mão, a fim de que os transeuntes possam lançar a mim suas horas supérfluas.»<sup>9</sup>

Que faremos, então, para remir a soma de minutos e horas dissipados em conversas frívolas e diversões objectáveis, não considerando os já sobejamente destacados malefícios do uso indiscriminado e intemperante da TV? Que faremos, enfim, para remir as preciosas fracções de tempo sacrificadas no altar da ociosidade, do egoísmo, da vaidade e do prazer? Que faremos, enfim, para remir os meses, quiçá os anos consumidos fora da igreja, no caminho descendente do pecado e da apostasia? Eis o que o Senhor nos diz através de Ellen G. White: «A única maneira de podermos remir o nosso tempo consiste em utilizar o melhor possível o que nos resta, tornando-nos coobreiros de Deus no Seu grande plano da redenção.»<sup>10</sup>



Imaginemos o paradoxo de um Adventista do Sétimo Dia deprimido, vergado ao peso de amargas recordações, olhos fixos nas pedadas deixadas no terreno do inimigo, mortificando-se, abominando-se — o coração apertado pelo anseio desesperado de remir o tempo!... Ao seu lado há mãos estendidas e olhos suplicantes! Chegam-lhe aos ouvidos gemidos de quem está prestes a sucumbir por não aguentar mais o peso da cruz das suas deficiências ou dos reveses da vida! Almas solitárias, sem Deus e sem esperança, vagueiam entre a multidão que se atropela nas calçadas, e há aleijados do corpo e do espírito dormindo

ao relento sob as sacadas dos prédios!...

Se algum dia encontrarmos um companheiro de jornada nessa paradoxal situação, não o apedrejemos com um olhar farisaico; estendamos-lhe a mão e lembremos-lhe com amor fraternal: «A única maneira de podermos remir o nosso tempo consiste em utilizar o melhor possível o que nos resta...» Envergonhado das suas queixas, ele se levantará decidido a retomar o trabalho em favor dos que perecem — aliás, a melhor terapia para o desânimo e a depressão.

Que diremos do valor do tempo? Quanto vale um minuto, uma hora, um dia?... No sofisticado mundo dos negócios, um minuto pode valer milhares, talvez milhões de escudos, mas não é a natureza monetária do valor do tempo que nos preocupa...

Numa sala de cirurgia ou num sector de urgências de qualquer instituição hospitalar, alguns segundos podem significar a recuperação de uma vida ameaçada por uma «paragem cardíaca».

Três ou quatro minutos de afogamento numa piscina chegaram para inutilizar o cérebro de uma encantadora criança de quatro anos de idade, reduzindo-a à mais deplorável condição de vida vegetativa.

Em cada minuto que passa, vinte e quatro seres humanos, dos quais dezoito são bebés, morrem de fome algures no mundo.<sup>11</sup>

Venha comigo ao «ontem» do tempo e avaliemos a carga de «consequências eternas»<sup>12</sup> que pesa sobre cada momento:

Para Moisés, o irrepreensível condutor de Israel, o desgosto de não poder entrar na terra prometida foi o resultado daquele momento infeliz em que ergueu a vara e feriu a rocha com irritação.

Um brado de triunfo do exército israelita foi o saldo de um curto segmento de tempo, quando a pedra certa de David derrubou o jactancioso gigante filisteu.

Quando o pusilânime Pilatos ressuscitar para rever o «terrível espectáculo»<sup>13</sup> da condenação e morte de Jesus, ficará horrorizado ao constatar a dimensão daqueles breves segundos em que lavou as mãos ao declarar-se inocente do Seu sangue.

Mas é do Calvário que vem o exemplo mais emocionante: «Senhor, lembra-Te de mim quando entrares no Teu Reino.» «Em verdade te digo hoje, estarás comigo no Paraíso.»<sup>14</sup> Num curto lapso de tempo, um pecador arrependido é justificado e recebe a garantia de viver para além do tempo!

Se pudéssemos prolongar um pouco mais esta viagem através do túnel do tempo, deter-nos-íamos junto aos escombros da velha e romântica Lisboa de 1755, parcialmente destruída por um violentíssimo tremor de terra de natureza profética, em cerca de seis minutos; <sup>15</sup> visitaríamos as ruínas de Pompeia, de S. Pedro de Martinica, de Messina... cada uma das quais com um saldo de milhares de vidas sacrificadas em poucos segundos.

Não sei o dia nem a hora em que deixaremos de ouvir a pulsação do tempo no tic-tac do relógio, mas sei que as sombras da noite cobrem a terra e que se aproxima a hora, tenebrosa para os ímpios, de livramento para os santos.

É quase meia-noite! Após seis mil anos de pecado, sangue, suor e lágrimas, o velho e cansado mundo arrasta-se penosamente para o fim do «tempo do fim». Brevemente o brado da Cruz: «Está consumado!» <sup>16</sup> repercutirá no santuário celestial com uma nova dimensão: «Está feito!» <sup>17</sup> Jesus profe-

rirá, então, o solene aviso: «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.» <sup>18</sup>

«Agora, enquanto nosso grande Sumo Sacerdote está a fazer expiação por nós, devemos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo...» <sup>19</sup>

AGORA é o tempo de nos prepararmos para a crise que se aproxima!

AGORA é o tempo de confessarmos e abandonarmos todo o pecado!

AGORA é o tempo de partilharmos a Fé com renovado fervor!

AGORA é o tempo de investirmos liberalmente na finalização da Obra!

«Então aquela voz, mais harmoniosa do que qualquer música que tenha soado já aos ouvidos mortais, é ouvida a dizer: 'Vosso confito está terminado'. 'Vinde benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.'» <sup>20</sup>

No «amanhã» do tempo, ainda teremos tempo para contemplar as cicatrizes do pecado no corpo de Jesus! As feridas, curou-as o tempo, mas as marcas... nem o tempo, nem a eternidade as apagarão!...

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — Niels — Erik A. Andreassen, *Tempo Para Viver*, p. 2
- 2 — *Ibid.*
- 3 — I Timóteo 6:16
- 4 — Ellen G. White, *Vida e Ensinos*, p. 234
- 5 — Ellen G. White, *Educação*, p. 304
- 6 — *Ibid.*, p. 307
- 7 — *Ibid.*
- 8 — Floyd Rittenhouse, *Os Caminhos de Deus*, p. 13
- 9 — *Ibid.*, p. 85
- 10 — Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 342
- 11 — William Johnsson, *Revista Adventista* (Portugal), Fev. de 1990, p. 3
- 12 — Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 343
- 13 — Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 664
- 14 — S. Lucas 23:42 e 43
- 15 — Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 303
- 16 — João 19:30
- 17 — Ellen G. White, *História da Redenção*, p. 402
- 18 — Apocalipse 22:11
- 19 — Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 621
- 20 — *Ibid.*, p. 644



## O Cego Bartimeu

Alice Pickett

**C**oitado do Bartimeu! Dia após dia, lá estava ele sentado à beira da estrada, pedindo esmola a quem passava. É que ele era cego e por isso não podia trabalhar. Tinha de depender de esmolas para prover às suas necessidades. Como Bartimeu detestava ter de mendigar! Muitas vezes dizia para consigo: «Oh, se ao menos eu pudesse ver!»

Todos os anos, quando chegava a Primavera, Bartimeu tinha ainda mais pena de não ver. Os amigos davam-lhe flores para ele segurar e cheirar. Eram tão perfumadas! «Com que é que se parecem estas flores?» perguntava ele ao cheirar os lilases, as rosas e os jacintos. As pessoas tentavam explicar, mas

geralmente ficavam a meio e diziam que não eram capazes de as descrever. Bartimeu dizia-lhes então: «Como vocês têm sorte em ter olhos que vêem!»

Os anos foram passando e Bartimeu agora era já um homem. Mas o desejo de poder ver, de poder trabalhar e tomar conta de si como as outras pessoas, esse nunca o abandonara. Porém, pouco a pouco, Bartimeu ia perdendo a esperança: «É melhor desiludir-me. Nunca vou ser capaz de ver, nunca vou saber como as coisas são!»

Um dia, quando o pobre cego se encontrava sentado no seu lugar habitual para pedir esmola, ouviu um grande rumor de vozes. «Que será? Parece uma grande multidão a descer pela

estrada! Bom, talvez algumas pessoas me dêem esmola!»

As vozes aproximavam-se. Então um homem saiu da multidão, correu em direcção a Bartimeu e disse-lhe:

— Grandes novidades, meu amigo! Jesus está entre esta multidão e vem nesta direcção. Talvez Ele te cure hoje!

Eram de facto óptimas notícias. O homem cego já ouvira falar dos milagres de Jesus e por isso ficou muito excitado. Fechou os olhos e orou a Deus. A seguir começou a gritar com quanta força tinha:

— Jesus, filho de David, tem piedade de mim!

Uma vez e outra Bartimeu gritava estas mesmas palavras.

— Cala-te, não grites dessa maneira! diziam alguns. Mas Bartimeu gritava ainda mais e pedia auxílio a Jesus.

Jesus ouviu-o e teve pena dele.

— Digam-lhe que chegue até aqui», pediu Jesus a um homem

que se encontrava perto. O homem foi chamar o cego:

— Anda, vem! Estás com sorte! Jesus chama-te.

E Bartimeu, desembaraçando-se imediatamente dos seus farrapos, foi para o meio da estrada e andou na direcção em que sabia que Jesus estava.

— Que queres que te faça? — perguntou-lhe Jesus.

— Ó Senhor, eu queria ver!

— Muito bem. Está feito. A tua fé te curou.

E quando Jesus pronunciou estas últimas palavras, os olhos do cego tornaram-se olhos que viam e Bartimeu viu a face bondosa de Jesus.

Que contente e feliz estava o Bartimeu! Uma vez e outra ele agradecia a Jesus. «Oh, como é bom ver!» E olhava as coisas e as pessoas à sua volta que ele nunca vira antes. E já não saiu de ao pé de Jesus. Juntou-se à multidão que O seguia. Ele era um testemunho vivo do poder curador de Jesus.

# Os Sacramentos em face das Sagradas Escrituras

**J.M. Matos**

*Ermesinde e Matosinhos*



Os Sacramentos podem ser considerados sob diversos ângulos e muito pode ser dito a propósito dos princípios, ideias e práticas que lhes estão associados. Como não existe a intenção de fazer uma introdução exaustiva, que não seria apropriada a um trabalho desta natureza, limitar-nos-emos a considerar os aspectos principais relacionados com a instituição dos Sacramentos.

Etimologicamente a palavra Sacramento indica qualquer coisa cuja natureza é sagrada e que se encontra intimamente relacionada com Deus. Sacramento está também associado à ideia duma verdade que se encontra oculta ou que se constitui em enigma. Por outro lado, e sempre em conexão com o Sacramento, surgem as ideias de rito (rito sagrado) e também de mistério, e, mais tarde, como não poderia deixar de ser, surge o conceito de sacramento ligado ao símbolo, ao sinal, à semelhança. Em cada sacramento haveria um sinal sensível e uma acção à qual se seguiriam de imediato as palavras que acompanham a acção e depois o efeito, isto é, a comunicação da graça. Insiste-se muito sobre a comunicação de uma graça particular em função do sacramento específico que é ministrado. Mais recentemente os sacramentos são vistos como acções propriamente ditas, isto é, acções em movimento produzindo efeitos visíveis na vida do crente. Num pormenor de refinamento, a Igreja dirá dos sacramentos que eles são acções de Cristo e é esta definição que encontramos no Directório para a pastoral dos Sacramentos: — Acções de Cristo no sentido que tiveram a sua origem em Cristo e que

quando se realizam são «acções do próprio Cristo». É este, em suma, o ensino da Igreja Católica sobre os Sacramentos.

Os Sacramentos são sete: A Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Extrema-Unção, a Ordem, o Matrimónio e o Baptismo.

## A Confirmação

Esta cerimónia pretende confirmar o crente na sua vida religiosa. A Confirmação aponta para a ideia do robustecimento espiritual, isto é, tornar mais forte o seguidor da Fé. Durante a cerimónia da Confirmação, um bispo estende as mãos sobre os presentes em causa (chamados confirmandos), invoca o Espírito Santo, unindo-os em seguida na frente com uma mistura de azeite e de bálsamo que pretendem simbolizar as virtudes da doçura e da firmeza na Fé.

Tendo procurado uma base bíblica para a instituição deste cerimonial, os catecismos citam, amiudadas vezes, os textos de Actos 8:14-17. Vamos ver essas passagens:

«Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais tendo descido, oraram por eles, para que recebessem o Espírito Santo. (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram baptizados em nome do Senhor Jesus) Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo.»

Não devemos concluir, apressadamente, que foi a imposição das mãos dos apóstolos que facultou, aos crentes samaritanos, o derramamento do Espírito Santo. A Sagrada Escritura mostra-nos claramente, noutras passagens, que a vivência cristã mesmo anterior ao baptismo, a própria experiência do baptismo cristão genuíno e

a recepção do Espírito Santo não se encontram desgarradas e que a experiência da recepção do Espírito não está necessariamente ligada a qualquer cerimonial de circunstância. Basta-nos ler com atenção e interesse textos como os que se seguem:

«Mas recebereis a virtude do Espírito Santo que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra» (Actos 1:8).

«E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem» (Actos 2:4).

«E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo» (Actos 2:38).

«E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus». (Actos 4:31).

E, a terminar as citações do livro de Actos dos Apóstolos, uma passagem que mostra estarmos em presença de pessoas que, não tendo sido baptizadas, já tinham recebido o Espírito Santo:

«Respondeu, então, Pedro: Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam baptizados estes, que também receberam, como nós, o Espírito Santo?» (Actos 10:48).

Em todas estas ocasiões não foi preciso esperar que surgisse uma pretensa cerimónia de Confirmação para que o Espírito Santo fosse derramado sobre os crentes. Não foram os apóstolos do passado, como não são os bispos dos nossos dias, que conferem o Espírito Santo aos crentes de um modo específico. A Escritura Sagrada

aponta para a possibilidade do Espírito Santo poder vir a ser derramado sobre uma ou mais pessoas, quer por acção directa do próprio Deus, quer por invocação em oração, quer como um dom outorgado perante a fé que envolve o crente.

## A Eucaristia

A Eucaristia pretende ser uma instituição vital para a vida espiritual do crente, conservando e aumentando o fulgor da nossa alma, esclarecendo a inteligência e fortificando a vontade; enfraquecendo os maus hábitos e purificando-nos do pecado venial, santificando o nosso corpo e unindo-nos intimamente com Cristo. Os catecismos esclarecem-nos que somos obrigados, sob pena de pecado mortal, a receber a Sagrada Comunhão uma vez por ano, pelo menos, e, além disso, no caso de nos encontrarmos em perigo de morte.

Em que consiste a Eucaristia, segundo os seus mentores? O corpo e o sangue de Jesus Cristo, sob as aparências do pão e do vinho, constituem a Eucaristia. Debaixo das espécies do pão e do vinho é Jesus Cristo que está presente com a Sua divindade e a Sua humanidade, e quando se partem as espécies ditas sacramentais, Jesus continua ainda presente na mais pequenina parte da hóstia ou do vinho consagrado. Jesus transformou o pão no Seu corpo e o vinho no Seu sangue e a mesma coisa faz o sacerdote junto ao altar.

«Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o cálix e dando graças, deu-lho dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados. E digo-vos que desde agora não beberei deste fruto da vide, até àquele dia em que o beba de novo, convosco, no reino de meu Pai» (Mat. 26:26-29).

Jesus usou uma linguagem simbólica. Não o fez somente nesta circunstância. Fê-lo diversas vezes. Basta considerar estes exemplos, nos quais Jesus disse:

«Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim não terá, nunca mais, fome; o que crê em Mim nunca mais terá sede» (João 6:35).

Jesus é o pão? O leitor crê em Je-

sus? Mas continua a ter fome e a ter sede, não é? Jesus estava a falar numa linguagem simbólica.

E quando Ele disse:

«Eu sou a videira verdadeira e vós sois as varas» (João 15:5), é claro que Jesus não quis dizer que Se tinha transformado numa videira, nem que o Seu povo se tinha transformado em varas dum videira. E o mesmo raciocínio é verdadeiro quando consideramos aquele momento em que Jesus disse: «Eu sou a porta das ovelhas» (João 10:7).

E poderíamos continuar: quando Jesus diz que é o caminho, ou se diz que Ele é a Rocha, etc, temos sempre que distinguir entre a linguagem simbólica (que se nota claramente) e a linguagem literal. Vejamos, por exemplo, aquele instante em que foi dito aos discípulos: «Bebei dele todos, porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento...» Sangue do Novo Testamento?!?! Mas é claro que Jesus está a falar numa linguagem simbólica, pois bem sabemos que por muito que espremos o Novo Testamento, dele nunca brotará qualquer gota de sangue. Aliás, uma simples análise laboratorial comprovaria cientificamente a verdade que referimos. Faça-se uma análise às hóstias e ao vinho, mesmo depois de consagradas, e verificar-se-á que continuam a ser vinho e pão, co-

mo eram antes, e sem a mais leve sombra de dúvida.

Mais um ponto importante: Admitindo, por um instante, que Jesus tivesse convertido, literalmente, o pão no Seu próprio «corpo, alma, ossos e nervos», se Ele tivesse feito esse tão grande milagre, não se seguiria daí que o sacerdote, na igreja, tivesse o poder de o fazer. Jesus andou sobre as águas, mas este facto não prova que o sacerdote tenha o poder de fazer o mesmo. Ele sossegou ventos e ondas, e curava cegos, surdos e mudos e leprosos, mas isto não é a prova de que os sacerdotes possam fazer igual.

Eucaristia ou Meia-Eucaristia? A pergunta tem razão de ser, dadas estas palavras de Jesus: «Bebei dele todos». E todos os discípulos beberam. O Senhor instituiu a Comunhão em ambas as espécies; administrou-a em ambas as espécies e os discípulos a receberam assim. Todos comeram o pão e todos beberam o vinho. Porquê, então, alguns sacerdotes guardam só para eles o vinho da Eucaristia, recusando-o a todos os que comungam na igreja? Tal prática é contrária à instituição original que nos deixou Jesus e quaisquer razões apresentadas (se existem) para justificar tal facto, não poderão ser respeitadas tomando em consideração as claras indicações de Jesus.

(a continuar)

## EDUCAÇÃO

# O que se espera do Professor Adventista

**Pedro Apolinário**

*Professor de Teologia*

*O professor deve ser um exemplo de operosidade, pontualidade e assiduidade.*

O magistério, a exemplo de outras profissões, apresenta vantagens e desvantagens. Na carreira do professor nem tudo é um «mar de rosas». Ela acarreta grandes deveres, mas oferece também inúmeras compensações de ordem afectiva como demonstram,

por exemplo, muitas cartas recebidas de ex-alunos.

Após 43 anos de magistério, sinto-me entusiasmado com o trabalho, pois como professor recebi e recebo muitas recompensas (não materiais, porque o magistério remunera mal), como o respeito dos superiores e dos colegas, e, mais que isso, a amizade dos meus alunos.

As recompensas presentes, todavia, ainda que muito gratificantes, não são

o mais importante. Existem motivações mais nobres e elevadas que deveriam ser a preocupação suprema dos professores adventistas para que o ensino não perca a sua característica essencial. A educação não visa apenas preparar o aluno para um desempenho cabal das responsabilidades presentes, mas levá-lo a relacionar-se intimamente com Cristo, preparando-se destarte para a vida do além.

«É essencial que os professores sejam habilitados a executar a importante missão de educar os filhos dos observadores do sábado não apenas nas ciências, mas nas Escrituras.»<sup>1</sup>

Se o ideal do professor, de acordo com o preceito de Dostoiévsky, é tornar o discípulo melhor, isto apenas é possível pelo poder divino actuando no coração.

### Sugestões práticas

O que se segue, em parte, reflecte a minha vida de professor, mas apresenta muito mais o perfil do professor ideal, e é também o resultado de pesquisa realizada no Espírito de Profecia, e entre alunos.

1. Que o professor goste de seu trabalho, que seja vocacionado para esse nobre mister, pois só assim poderá ensinar com prazer.

«O trabalho do professor não se resume em transmitir conhecimentos, ou habilidades, quaisquer que sejam, mas em educar, o que envolve certa atmosfera afectiva reclamando do mestre os melhores dotes de compreensão e comunicação humana.»<sup>2</sup>

2. O professor precisa de ter entusiasmo pelo trabalho, em outras palavras, ele precisa pôr o coração no que faz.

3. Que seja autoridade na disciplina que ensina. O professor tem que ser um eterno estudante. Se não estuda por prazer, deve fazê-lo por dever. O conselho de Ellen G. White não deve ser esquecido: «O professor deve constantemente ter como objectivo a simplicidade e a eficiência.»<sup>3</sup>

4. Que ensine os alunos a serem pesquisadores, para que quando houver necessidade eles encontrem com facilidade as coisas de que necessitam.

5. Deve usar da máxima justiça possível ao ser humano nas avaliações. Jamais aprovar quem não se esforça e nada sabe. Para tanto, ele deve em-

pregar sistema coerente e justo de avaliação. Cuidar bastante para não tratar os alunos com parcialidade.

6. Capacidade de tornar a aula agradável. Há professores que tornam difícil o que é fácil, em vez de se esforçarem para tornar fácil o que é difícil. Além de conhecer bem a matéria, precisa de ter clareza de expressão.

Disse notável escritor que a qualidade que ele mais admira no professor é a capacidade de tornar a matéria, por complicada que seja, em algo assimilável pelo aluno.

7. Capacidade de adaptar-se aos alunos. Que seja amigo da classe, mas que isto não afaste, nem de longe, a ordem e a disciplina. O professor que não mantém a disciplina deve ser aconselhado a fazer outra coisa.

8. Que ensine não tanto por palavras, mas com sua vida exemplar. Palavras são logo esquecidas, mas o exemplo permanece.

O professor deve ser um exemplo de operosidade, pontualidade e assiduidade. A escola tem-se mostrado carente de professores com estes atributos. Nada de valor é conseguido sem trabalho honesto e constante. Pontualidade é uma forma de respeito para com os outros. O professor apenas devia faltar à aula por extrema necessidade.

Que saiba também aproveitar bem o tempo da aula, e que ensine os alunos a fazerem o mesmo.

9. Capacidade para compreender porque certos alunos procedem desta ou daquela maneira.

10. Que saiba cultivar o bom humor na hora e proporção certas.

11. Que não seja rotineiro, ensinando as mesmas velharias todos os anos. Que se atualize e seja sempre criativo.

12. Disposição para ouvir os alunos e aceitar as sugestões exequíveis.

13. Que não pense na aposentadoria como o alfa e o ómega da existência, porque se o fizer está desqualificado para a sublime missão de ensinar. É necessário que trabalhe por ideal; que este seja sua única motivação.

15. Que possua qualidades de liderança, bem como atributos religiosos.

### Conselhos inspirados

Pesquisando os livros *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*,

pág. 59 e *Educação*, págs. 277 a 282, encontramos o que a igreja, os pais e os estudantes esperam do professor adventista.

Destaca-se o seguinte:

— A missão do professor é moldar o espírito e o carácter do aluno.

O professor deve:

— Ter maneiras finas.

— Ter cortesia cristã.

— Ser correcto no vestuário.

— Ser cuidadoso em todos os seus hábitos.

— Ser aquilo que deseja que os alunos se tornem.

— Ser expedito no discernir.

— Ser capaz de liderar.

— Ser apto para ensinar.

— Ser imparcial, paciente, compassivo, confiante em Deus.

O professor deve ainda fazer sempre o bem; combinar a dignidade com o entusiasmo; inspirar pensamentos elevados; despertar energia; comunicar ânimo e vida, manifestar simpatia, ternura e dignidade; ter um conhecimento profundo da natureza humana; ter genuíno amor por seus alunos.

Dentre os requisitos essenciais, Ellen G. White destaca: ordem, perfeição, pontualidade, governo de si mesmo, temperamento jovial, uniformidade de disposição, sacrifício próprio, integridade, cortesia e boa saúde.

### Conclusão

Disse com muita propriedade o Cardeal Verdier: «Educadores, vós sois não somente uma esperança, e sim a última esperança da civilização cristã.»

Diante das ideias expressas neste artigo, a seguinte pergunta poderá vir à mente: Quem se mostrará à altura para desincumbir-se deste sublime trabalho?

O reconhecimento de nossas limitações e deficiências deve encaminhar-nos à fonte de poder — Cristo Jesus — que nos ajudará a atingir tão elevado desiderato.

### Referências:

1. Ellen G. White, *Carta 104*, 1897.

2. *A Arte de Ensinar*, pág. 11, Lourenço Filho.

3. Ellen G. White, *Educação*, pág. 233.

Pedro Apolinário é professor de Exegese e Crítica Textual no Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, no Brasil.

# Os Jovens também são o Exército de Deus

**José Carlos Costa**

*Director do Departamento dos Ministérios da Igreja da Divisão Euro-Africana*

**T**odos os países têm um conjunto de forças militares que cumprem as ordens dos seus comandantes. Pequenos países, que pela sua fragilidade nada têm a temer, visto que a sua existência é devida a acordos políticos, apesar de tudo, têm o seu exército, o que os dignifica e lhe dá o sentido de nação respeitada.

Não precisa destas formas de poder Aquele que criou os céus e a terra, a quem tudo pertence, e por Quem tudo existe. No entanto, há um poder que está em guerra, numa luta para manchar e apoucar o nobre carácter de Deus. Eis a razão de ser do soldado de Jesus Cristo. Paulo diz: «Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes» (Efés. 6:12).

É necessário que todo o cristão esteja consciente de que tem um combate a travar na sua vida, um combate de vida ou morte. «Revisti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo» (Efés. 6:11).

O apóstolo Paulo era um homem que conhecia, por experiência própria, a dureza inflexível do inimigo, porque, de várias maneiras, o sentiu na carne; e ao aconselhar o seu filho espiritual, Ti-

móteo, exorta-o a que «ninguém que milita se embarça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra» (II Tim. 2:1-4).

As Sagradas Escrituras usam muitas vezes a expressão «Senhor dos Exércitos» (ver, por exemplo, I Sam. 17:45). O «Senhor dos Exércitos» significa então que Deus tem também um exército que obedece às Suas ordens e que defende os interesses do Seu reino!

Na verdade a Escritura apresenta mais do que um exército.

Com certeza que o primeiro exército a ser criado é o mais pronto a obedecer. Diz o Salmista: «Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valerosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedeceis à palavra. Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos» (Salmos 103:20 e 21).

Os anjos constituem o primeiro exército do Senhor. Jesus, no Getsamane, tinha perfeita consciência de que bastaria um gesto Seu para que se lhe apresentassem miríades de anjos para aniquilar os soldados romanos e todos os Seus inimigos. É um exército que tem um prazer sublime em obedecer ao santo e nobre Príncipe Emanuel.

«Levantai ao alto os vossos olhos, e vede. Quem criou estas coisas! Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais

Ele chama pelos seus nomes...» (Isa. 40:26). Se continuarmos a ler no mesmo livro, veremos que não são só as estrelas que formam um exército, mas que todo o universo faz parte desta «divisão» que serve dia e noite ao seu Grande General, Jesus Cristo: «... as minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens» (Isa. 45:12).

Um outro, que obedece sem descanso às ordens do Senhor são as forças da natureza, «Tu só és Senhor, tu fizeste o céu... e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto neles há.» (Neem. 9:6).

O quarto exército era sem dúvida o povo de Israel, que, nas suas imperfeições, serviam ao Senhor dos Exércitos, mas nem por isso Deus deixou de ter prazer na sua obediência e no seu serviço. (Neem. 11:16, 7; Deut. 1:15).

Finalmente, nestes últimos dias, Deus tem um exército, e esse é, no dizer da serva de Deus, a sua juventude: «Rapazes e meninas, podeis formar um exército, alistai-vos no trabalho, colocando toda a vossa acção, habilidade e talentos ao serviço do Mestre.»

Que extraordinário privilégio este de ser soldado de Cristo! A juventude é o capital mais precioso de uma nação. É nos jovens que está a vida, a esperança de continuação de todas as conquistas, sejam elas no campo social, no político e, particularmente, no campo moral. Por isso, Deus e a Sua igreja estimam e apreciam tanto a nossa juventude. Possa ela tomar corajosamente em seu coração o alvo dos Desbravadores, que é o de todo o adventista: «A mensagem do advento a todo o mundo nesta geração.» Aqui encontramos o porquê da luta, do combate, que este exército do Senhor tem de travar. A

mensagem do advento a todo o mundo, a vinda do Salvador para terminar com um mundo de miséria e sofrimento, que é o resultado da operação de Satanás.

É bem conhecida a história do soldado inglês que, terrivelmente estropeado na Segunda Guerra Mundial, pedia ao enfermeiro da enfermaria onde se encontrava hospitalizado que terminasse com o seu sofrimento e lhe tirasse o pouco de vida que lhe restava. Durante tanta insistência por parte do soldado, o enfermeiro dirige-se ao médico-chefe daquele serviço, em busca de solução. O médico diante deste tão patético quadro — um ferido que não poderia mais andar por ter perdido as suas pernas, nem comer por sua mão, porque também as tinha perdido — decide escrever ao rei de Inglaterra pedindo autorização para lhe aplicar a eutanásia. Quando o rei recebe esse pedido, manda com toda a urgência um telegrama ao soldado: «Soldado, vive, o teu rei precisa de ti.»

O pobre ferido, hesitante, relê aquele telegrama para se convencer de que de facto o rei precisava dele e para se certificar que o mesmo lhe era dirigido. E vive.

Prezado jovem, não importa onde estás e como estás; o teu Rei, o Príncipe do Céu, precisa de ti. Ele Se colocou à tua porta, simplesmente, para te dizer: Preciso de ti ao meu serviço, na minha grande seara. Não vivas irreflexivamente, mas compromete-te comigo, leva-Me aos perdidos.

Resplandece, soldado de Cristo!

*José Carlos Costa era Director dos Jovens da União Portuguesa quando escreveu este artigo. Foi nomeado para a sua actual responsabilidade por ocasião da Conferência Geral.*

## Viagem a Torre Pellici — O Passado e a História

### «A emoção da aventura numa aventura plena de emoção»

Eram cinco e meia da manhã, de 5 de Agosto, quando um grupo de 52 excursionistas de vários pontos do país, 2 motoristas e um guia espiritual (Pastor José Carlos Costa) se entregaram aos cuidados divinos rumo a Torre Pellici, na Itália.

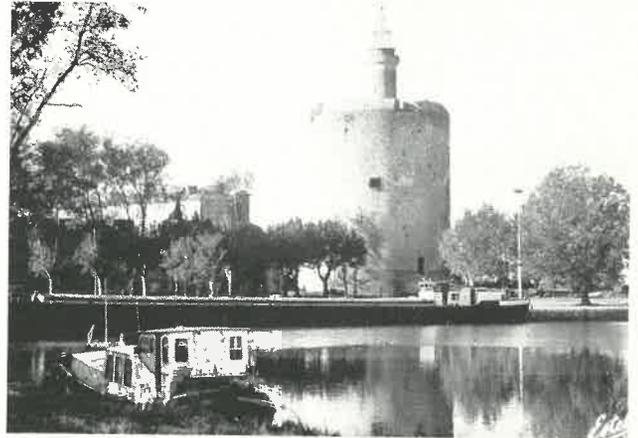
Era o início de uma viagem que imaginávamos difícil pelas mais diversas razões: oito dias que iríamos passar juntos, diferenças etárias bastante acentuadas, hábitos próprios, caracteres diferentes. Pontos em comum apenas dois: o desejo de conhecer e, o mais importante de todos, o mesmo amor a Jesus.

Foi longo o caminho que percorremos. Perante o nosso olhar extasiado desenrolaram-se, dia após dia, as mais belas paisagens. Desde a planície alentejana que se estende pela Extremadura espanhola, às vias serpenteadas enfeitadas de lindas vilas e cidades. Que insignificantes nos sentimos ante a majestade dos Pirinéus, dos rios que descendo montanhas corriam por entre os vales, das pequeninas aves que em todos os lugares tinham seus ninhos, das lindas flores que cresciam por entre as rochas, colorindo-as e embelezando-as. Nossos olhares de-

leitaram-se com as maravilhosas obras das mãos de Deus. Quão a propósito tinha vindo o estudo do Salmo 19!

Ao alvorecer de cada dia deixávamos o lugar onde havíamos pernoitado e partíamos. E foi assim que na manhã de quarta-feira, dia 8, saímos de Alès (cidade da Paz) na região dos Cévennes e fomos visitar o Museu do Deserto. A 15 Kms., num lugar chamado Anduze, junto à margem de um rio, deparamos com uma Igreja Adventista do Sétimo Dia, e isso foi, para todos, motivo de regozijo.

Chegámos ao Museu do Deserto e, numa viagem guiada, tomámos conhecimento de inúmeros testemunhos de fidelidade dos filhos de Deus à sua fé, ao seu amor a Deus e ao Livro Sagrado que eles preservavam com risco da própria vida. Visitámos a casa de Roland, chefe dos camisardos (os que amavam mais a Palavra do que a vida). Tomámos conhecimento do período dito do «Deserto» que foi desde a revogação do Édito de Nantes ao Édito da Tolerância e à Proclamação dos Direitos do Homem (1789); da guerra dos camisardos; das perseguições e da resistência; da



vida quotidiana na clandestinidade e de todo um longo percurso para a liberdade de consciência até à Revolução. Soubemos quão dura foi a vida dos Huguenotes (nome dado outrora em França, pelos católicos, aos protestantes calvinistas). Soubemos de homens, mulheres e crianças que foram barbaramente sacrificados porque amaram mais a Deus do que as suas próprias vidas. Vimos alguns dos instrumentos de tortura utilizados. Lemos os nomes de muitos que foram condenados às galés por não quererem renegar a sua fé. Comovidos, vimos desenrolar-se ante nós toda uma época de sofrimento e dor em que cristãos valorosos se mantiveram fiéis a Deus. E gostaria que ficasse na descrição desta nossa viagem «a oração de um forçado» que me permito transcrever:

«Faz Senhor,  
com que eu veja  
o anel de ferro que trago...  
como um anel nupcial...  
e as correntes que eu arrasto...  
como correntes  
do Teu amor.»

Com os corações a transbordar de emoção, saímos em direcção a Aigues-Mortes para visitar a Torre de Constança, cuja história fala do sofrimento de muitos desses cristãos fiéis. Muitos aí foram aprisionados. Um dia, po-

rém, Abraham Mazei (um dos camisardos) conseguiu evadir-se com mais 17 dos seus companheiros. Para que servisse de exemplo, todos os que ficaram foram mortos. A partir de então a Torre de Constança passou a ser prisão de mulheres. Dentre elas foi lembrada a vida de Marie Durand, que, pela sua fé, permaneceu presa naquela Torre durante 38 anos.

Nesse mesmo dia contornámos a linda região da Côte d'Azur, passámos pelo principado do Mónaco, mas não havia lugar para ficar. Foi então decidido viajar durante a noite, rumo a Torre Pellici. Aqui uma palavra de apreço e gratidão ao Sr. Ferreira e ao Sr. Lopes, os nossos motoristas, sempre dispostos a todos os sacrifícios e que se irmanaram conosco nesta viagem difícil, longa, mas maravilhosa e tão abençoada por Deus. Era madrugada quando chegámos. Parámos num jardim para descansar e esperar o novo dia. E eis-nos a caminho do nosso último objectivo: visitar a região dos Valdenses e conhecer a sua história.

Ao nascer do Sol, no profundo silêncio do Vale de Pellici, ouvia-se o cantar das aves, o rumor da brisa por entre o denso arvoredado e o som dos nossos passos. Sentíamos-nos envolvidos na suave atmosfera desse outro livro





de Deus — a Natureza. Na montanha íamos descobrindo aqui e ali, junto a troncos de árvores ou por entre as rochas, entradas de grutas. Alguns de nós mais apressados, outros mais lentos no seu caminhar, mas todos juntos dirigimo-nos à «Gheisa d'la Tana»... Junto de uma abertura na rocha, o Pastor José Carlos parou. Entrou. Um a um, os mais afoitos foram entrando. Dentro, apenas escuridão! Por uma ou outra fenda, uma réstea de luz! Pouco a pouco os nossos olhos foram-se habituando ao escuro e pudemos observar o lugar em que nos encontrávamos. Um espaço vazio cavado na rocha. A luz dos flashes dava um pouco de clareza. Junto a uma das fendas distinguíamos os rostos de alguns irmãos que não puderam entrar e que, no exterior, aguardavam. Então, do seio da Terra, no meio da montanha, ouvimos a história maravilhosa, mas tão triste, de irmãos nossos, o seu viver, o seu sofrimento, as perseguições contínuas, o seu apego ao Mestre — o doador da vida —, e a sua morte por amor a esse Mestre. E ali, no lugar em que nossos irmãos se esconderam dos seus perseguidores e onde muitos deles foram mortos, demo-nos as mãos e orámos. Eram entrecortadas pelos soluços as vozes que se elevaram aos céus! Lágrimas corriam em todos os rostos! Um sentimento de pro-

funda emoção se apoderou dos nossos corações e nos irmanou num mesmo desejo — o de ficarmos fiéis, custe o que custar. Para isso, apenas necessitamos da ajuda divina! Abraçámo-nos e saímos dali com um amor renovado.

Voltámos a Alès. Havia necessidade de repousar depois de quase 40 horas sem dormir. Restauradas as forças, partimos rumo ao nosso Colégio de Sagunto, para aí passarmos o Sábado. Nesse lugar repousante, passámos um Sábado tranquilo e agradável. Tivemos uma boa Escola Sabatina. O Pastor Navajo, no culto divino, falou da Solidão. Jesus, como criança solitária, jovem solitário e Mestre solitário, procurava junto da Natureza uma maior aproximação de Seu Pai. Lembrei então esses montes solitários, em que o povo de Deus se escondia, como lugares de refúgio por Ele preparados. Sábado à tardinha, saímos de Sagunto. Chegámos a Lisboa ao meio-dia de domingo, dia 12. Uma semana havia passado. Quase 5 500 Kms. percorridos. Que mais dizer desta viagem?

Cantámos, estudámos a Bíblia, louvámos o Senhor. Também rimos e brincámos e ainda houve tempo (muito pouco, é certo...) para um banho no Mediterrâneo em Puerto Sagunto. Já perto de Lisboa alguns deram o seu testemunho e gostaria de terminar com pequenos excertos do muito que foi dito. «Tivemos um guia que não foi um Pastor mas um companheiro...» «Não só vivemos juntos oito dias maravilhosos como passámos por experiências tão extraordinárias que não poderemos esquecer...» «Pude analisar como é o Amor que Deus implanta no coração dos Seus filhos...» «Não tenho palavras para descrever os lugares tão maravilhosos que vimos...» «Não consegui entrar na gruta, mas cá fora vi os irmãos de mãos dadas e vivi a emoção que todos ali experimentaram...» «Tentei desistir por estar doente, mas Deus queria que eu viesse...» «Eu ainda não sou adventista, pois os meus

afazeres profissionais não me permitem guardar o Sábado, mas foi tão maravilhoso tudo o que sucedeu, a maneira como convivi convosco que tomei a decisão de me baptizar...» «Embora eu seja muito brincalhão, fiquei de tal modo comovido naquela gruta que não consegui dominar a minha emoção...» «Dou graças a Deus pelos momentos de elevação espiritual por que passámos e que me fizeram sentir tão pequenino na gruta de Tana...» «Fazem-se

imensas excursões por esse mundo fora, mas não como esta maravilhosa 'Aventura' que estamos terminando...» «Obrigado Pastor José Carlos por ter organizado esta viagem...»

Que esta experiência vivida possa perdurar em nós e nos ajude a lembrar que «o Senhor guarda os fiéis...»

Maria Sales  
Igreja de Almada

## Projecto Amizade

«Até que enfim que aparece um projecto destes; há quanto tempo vinha eu sonhando com ele. Oh, Jesus, se for da Tua vontade, abençoa-o».

Há sempre um filho de Deus que exterioriza o pensamento do Senhor que no íntimo dos outros também existe, e quando fala nele, não é preciso muito para que comece a tomar forma, mas por vezes basta o nosso «ego» para que morra conosco.

Tudo começou nos fins do mês de Junho de 1990, quando foi convocada uma reunião dos dirigentes da Juventude Adventista das igrejas da região de Lisboa, pelo então Departamental da Juventude, Pastor José Carlos Costa, que para além de outros assun-

tos pôs à nossa consideração o Projecto Amizade.

O que era o Projecto Amizade?

Idealizado pela Directora dos jovens da igreja da Amadora, consistia em reuniões ao ar livre nos dias de Sábado, durante os meses de Julho e Agosto, nos jardins de Lisboa, Amadora, Almada, Barreiro e Cascais, com actividades tais como medição de tensão arterial, cânticos, distribuição de literatura, poesia, e mensagens espirituais.

Qual o significado de tudo isto, amigo leitor?

Podemos tirar várias conclusões, incluindo aquela que no início comecei por focar, mas falemos de outras. Este plano devia ser útil para a Igreja na sua rela-





ção com Deus e com o próximo. Assim aconteceria, pois os sábados teriam mais possibilidades de serem santificados, alargar-se-ia o testemunho de Jesus às pessoas e seria um desafio às capacidades que a Igreja tem de cultivar em Cristo.

Cada Direcção de Jovens da localidade interessada em que se realizassem tais actividades ficou com a responsabilidade de organizar os programas nas seguintes datas e locais: 14 de Julho, igreja da Amadora, no Parque Central; 21 de Julho, igreja de Cascais, no Jardim Marechal Carmo; 28 de Julho, igreja de Odivelas, no Jardim do Campo Grande; 11 de Agosto, igreja do Barreiro, no parque Catarina Eufémia; 18 de Agosto, igreja de Almada, no Jardim do Tribunal; e igreja Central, no Jardim de Belém. Haveria uma comissão constituída pelos nossos irmãos Edite e Daniel Esteves, ambos médicos de profissão, e de tal forma envolvidos neste programa que podemos louvar a Deus por tais discípulos. O apoio dado seria em termos de orientação e de material.

Bem na primeira semana, tais foram as dificuldades, que deu vontade de largar tudo e fugir para longe. O que se fez, no entanto, foi orar de joelhos e trabalhar. Os resultados foram inesperados: abriram-se portas e ouvidos ao

Evangelho. Durante o programa as pessoas sentiam-se atraídas pela forma como este estava disposto. Assim, ao começarmos por medir as tensões arteriais de cada um, chamávamos a atenção para o facto de Cristo constantemente medir a nossa tensão espiritual. Sim, havia necessidade de se saber o que Jesus queria fazer para melhorar a nossa condição de hipertensos crónicos, em risco de morte, e isso era focado pelo restante programa.

À medida que ia decorrendo o estipulado desde o princípio, comparávamos esta experiência em que a Igreja se tinha envolvido à situação das estrelas que testemunham do Criador lá no alto pelo seu brilho, em plena organização e harmonia. Estarão elas vivas porque brilham, ou brilham porque vivem? Viver para brilhar ou brilhar para viver?

Antes de terminar gostaríamos de agradecer o apoio dado pela Comissão Internacional de Temperança, pelas Câmaras Municipais de Lisboa, Amadora, Almada, Barreiro e Cascais, pelo Centro de Saúde de Odivelas, pela Divisão de Segurança Rodoviária e pela revista *Saúde e Lar*.

O Verão acabou, a sega passou e nós... Se Deus quiser, para o ano que vem, teremos outra oportunidade. Que assim seja!

**João Carlos Fernandes Cavaco**  
*Igreja de Odivelas*

## Projecto Aliança: Elvas/90

Vindos de todo o país, num velhíssimo comboio, 25 jovens e 25 mochilas chegaram a Elvas, na segunda quinzena de Agosto. Chegou também; ou melhor, já lá estava, o Espírito Santo. O nosso objectivo era uma evangelização «diferente». Pretendíamos fazer nascer em Portugal o que em França já existe há alguns anos: o grupo «Alliance», jovens que vão, durante as férias do Verão, evangelizar uma cidade ou vila, no nosso caso com um programa de: Escola Cristã de Férias, Medição de Tensão Arterial, Concertos em praça pública. Iríamos dar a conhecer o nosso Amigo Jesus na bonita cidade alentejana de Elvas.

Diariamente, o grupo lia um capítulo do livro de Actos e orava em conjunto. Pretendíamos que Deus nos abençoasse, como abençoou os apóstolos; que o Espírito Santo fosse derramado, como o foi com os apóstolos. Sabíamos que Deus nos iria ouvir, porque sabemos que Ele cumpre as promessas que faz.

A força e o empenho que Satanás teve para tentar destruir o projecto só nos provava como este trabalho era importante para Deus. Perante os «inultrapassáveis montes» que consecutivamente se erguiam à nossa frente, a nossa impotência era tão grande que só fazíamos aquilo que podíamos: pôr-nos de joelhos. A resposta de Deus esteve tão presente e tão forte, que tivemos a certeza de que o Espírito Santo foi derramado em Elvas. O versículo 8 do capítulo 1 de Actos era para nós encorajador e uma certeza: «Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra.»

Mas Satanás atacava.

A autorização da Câmara Municipal de Elvas foi à última da hora negada. O Vereador que tinha sido contactado, e que tinha dado a aprovação da Câmara, há

meses atrás, nada tinha transmitido ao senhor Presidente da Câmara, e a confirmação que tínhamos recebido anteriormente era agora negada. Não tínhamos autorização de fazer o que quer que fosse em praça pública.

No entanto a cidade foi invadida por um grupo de jovens com 6 000 folhetos, que com mapas e os ditos folhetos não deixaram escapar nem a última ruela.

A Rádio Elvas anunciava constantemente o programa que se iria realizar na cidade pelo grupo Aliança, da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Perante isto, e porque orávamos constantemente, Deus respondeu-nos: houve a autorização da Câmara! Mas o concerto não poderia ser na Praça da República. Seria na Praceta dos Descobrimentos, «uma zona nova da cidade e cheia de esplanadas, estamos no Verão, e as pessoas vão para lá ao serão», disse-nos o senhor Presidente.

Na véspera do primeiro concerto, estavam na esplanada e em toda aquela praça unicamente duas pessoas!

Orámos a Deus.

Respondeu-nos: 150 pessoas na primeira noite, número este que foi crescendo até mais de 300 pessoas na última noite!

Do parque de campismo onde estávamos instalados, e que seria gratuito, segundo disseram, fomos comunicados a quatro dias de nos irmos embora, que teríamos de pagar 100 000\$00. Onde tínhamos o dinheiro? Orámos ao longo dos dias, e a quantia ia baixando para metade, 1/4, 1/8 e finalmente no último dia conseguimos a quantia que nos faltava, mas a C. M. de Elvas responsabilizou-se pelo pagamento.

Leigos e inexperientes, pedíamos sabedoria e força. Recebíamos sempre mais ainda do que pedíamos!

Na Escola Cristã de Férias, que se realizava todas as tardes num jardim público, tínhamos diariamente cerca de 30 crianças. A



Presidente da Câmara de Elvas, Dr. João Carpinheiro no seu gabinete

maioria vinha com os pais ou com os avós. Cantavam, jogavam, ouviam histórias e viam fantoches; à noite quase todas vinham com os pais aos concertos. Houve uma simpática avó que nos disse: — O meu miúdo passa o dia a cantar as canções que aprende aqui, esta noite até sonhou com vocês.

Nenhum de nós tinha cursos de educação infantil, apenas dois ou três tinham a experiência de serem pais ou mães, mas havia sabedoria divina no ar e isso era o mais importante.

A principal praça da cidade, durante uma hora por dia, tornava-se diferente: cerca de 100 pessoas iam medir a sua tensão arterial. Constatámos com agrado que parte da população faz o seu controlo da tensão arterial; no entanto alguns não o fazem, e por vezes, apenas pela curiosidade, iam ter connosco para medir a sua tensão. Apareciam, infelizmente com alguma frequência, surpresas desagradáveis: pessoas com aspecto saudável que tinham valores tensionais assustadores. Encaminhávamo-las para o Centro de Saúde de Elvas, o qual nos deu todo o apoio e louvou este tipo de iniciativa.

De surpreender, mais uma vez, elementos do grupo que raramente tinham feito aquele tipo de trabalho, o faziam irrepreensivelmente, e conversavam com as pessoas sobre dieta ou sobre o modo de melhorar a sua saúde, como se tivessem anos de experiência.

À noite, nos concertos, as nossas humildes vozes transformavam-se e o lugar do «nervosismo» habitual de quem vai actuar para o público era ocupado pela alegria e certeza da mensagem que ia ser transmitida. Víamos o grupo de 150 pessoas (na primeira noite) e 300 pessoas (na última noite) receber o que tínhamos para dar. Alguns receberam o Cristo que vivíamos.

As pessoas cantavam connosco, comunicavam connosco, havia testemunhos nossos e dos que nos ouviam: no final conversavam connosco. Quando o concerto terminava, atravessavam a rua e ajudavam-nos a levar a aparelhagem e os bancos para dentro da igreja, e ficavam lá, sentavam-se e ficavam à espera. Todas as noites era improvisada uma pequena meditação. Eram sempre onze horas, meia-noite, nós não tínhamos jantado, e sentávamo-nos misturados com as pessoas que tinham entrado pela igreja adentro com mais fome espiritual do que a que nós tínhamos no estômago.

Na última noite, além da habitual parte musical, foi apresentado um drama: mímica, música, roupa, maquilhagem e muito trabalho, além do luar e do vento.

Era essencialmente à noite que as pessoas ficavam a saber quem nós éramos, quem era a Igreja Adventista, quem é Jesus!

Com as letras das canções e com o drama mostrámos quem é

esse Amigo. Mas talvez a alegria que transmitíamos e a nossa maneira de estar fossem a demonstração prática, vivida e real do que Cristo faz às pessoas. Era isso que com surpresa nossa nos diziam; e era isso que não tínhamos planeado, mas sem dúvida que era imperativo que surgisse e se contagiasse a todos, porque também para nós esta experiência estava a ser muito forte espiritualmente e unia-nos a todos mais uns aos outros e mais a Cristo.

A bonita igreja de Elvas tinha apenas 4 membros. É com alegria que sabemos que actualmente se reúnem mais, bem mais do que aqueles 4 fiéis, simpáticos e sempre disponíveis irmãos. Há pessoas que pedem o baptismo. Ficará este ano um pastor responsável pela igreja de Elvas. Que Deus abençoe o seu trabalho.

No grupo Aliança três jovens pediram o baptismo: o encontro com Cristo numa relação «face a face» foi muito forte, todos crescemos. Houve quem dissesse que

queria fazer aquilo toda a vida, sair de uma cidade e ir para outra, como faziam os apóstolos.

Para o ano, se Deus quiser, iremos para Vila Real.

Temos ainda um outro objectivo: criar novos grupos Aliança. O programa do que foi este trabalho será apresentado nalgumas igrejas do país, exactamente para tentar encorajar as igrejas e assim surgirem novos grupos.

Não é preciso ter receio de não se ter experiência, de não se saber o que fazer, de não se ter dinheiro; basta apenas o empenhamento, e Deus fará o resto. Deus fará muito mais do que se espera que Ele faça.

Como aconteceu com Job, Deus nos irá abençoar «no último estado mais do que no primeiro» (Job 42:12).

Mas também como Job, todos nós iremos dizer: «Eu Te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos Te vêem» (Job 42:5).

**Fernanda Carneiro**  
Igreja de General Roçadas



## A Igreja do Cadaval Comemora Primeiro Aniversário do Clube de Tições

(originado após E.C.F. numa igreja sem nenhuma criança)

No dia 6 de Maio de 1989 foi fundado nesta igreja o Clube de Tições, na sequência de uma Escola Cristã de Férias, no Natal de 1988. Pela graça do Senhor temos mantido este grupo de 15 a 20 crianças com regularidade. É de salientar que nenhuma delas é filha de pais crentes.

Nas actividades locais, durante este ano de 1990, devemos salientar a participação em acampamentos inter-igrejas, excursões de estudo, ida ao Acampamento Nacional e sobretudo a participação num projecto especial de recolha de fundos, realizado nesta vila, em favor dos Bombeiros Voluntários locais, cumprindo assim a nossa missão espiritual e humanitária.

No passado dia 8 de Abril tivemos uma viagem de estudo à Barragem de Castelo de Bode, às Grutas de St.º António e Alvados, com passagem pela Nazaré. Num pequeno autocarro de 24 lugares, gentilmente cedido pela Câmara Municipal desta localidade, levámos 15 crianças, um bom número de pais, algumas irmãs, o pastor e esposa.

Como entretanto tinha chegado a Campanha das Missões, algumas crianças quiseram envolver-se nesta importante activida-

de, e só elas, à sua parte, conseguiram colocar 36 revistas, provando assim que o Senhor nosso Deus continua ao leme de todas as coisas.

Sábado após Sábado temos mantido as actividades normais. No dia 5 de Maio, para comemorar o primeiro aniversário do Clube, pois fora fundado no dia 6 de Maio de 1989, tivemos um programa no campo, da inteira responsabilidade da Sandra. Este programa teve lugar no pinhal do Depósito da Água. Juntaram-se 19 crianças. O ponto de concentração era a igreja e a maior parte das crianças mostrou muita pena de não ver o habitual filme de vídeo das histórias da Bíblia (da série Super-Livro) antes de sairmos. Alguns comentaram que era mais importante aprender coisas da Bíblia do que os jogos.

No passado domingo uma jovem, atenta ao que se está a passar, dirigiu-se-me dizendo que admirava muito as actividades que temos com as crianças e perguntou-me até se nós andávamos a prepará-los para serem futuros membros da igreja, ao que eu respondi que o nosso objectivo era instruí-las nas coisas boas e prepará-los para esta vida tão difícil que está diante de to-



dos. Ela ficou ainda mais interessada e perguntou-me se as nossas reuniões eram abertas a todas as pessoas. Respondi-lhe afirmativamente, incentivando-a a vir.

Apesar de muitas e grandes dificuldades, o Senhor nos tem mostrado a Sua forte e constante protecção.

**Licinia Santos**

*Monitora na Igreja do Cadaval.*

## Leiria: 4 baptismos

Foi com grande entusiasmo e regozijo nos corações que a igreja de Leiria, em 22 de Setembro do corrente ano, recolheu no seu seio quatro novas almas que, através do baptismo, decidiram aceitar Jesus como seu Salvador.

Os novos membros, três dos quais jovens, são: Artur Ferreira, Liliana Serápio, Sandra Esteves e Lina Serápio. Foram baptizados pelos pastores Paulo Mendes e Enoque Nunes.

Nesta mesma cerimónia baptismal houve a entrega de diplomas do curso «A Bíblia Responde», e três pessoas responderam ao apelo, prontificando-se a estudar melhor a Palavra de Deus.

Com estas duas singelas cerimónias foram vividos momentos de louvor e adoração ao nosso Senhor.

**José Manuel Areosa**

*Secretário de Comunicações*



## Viana do Castelo: 2.ª Escola Cristã de Férias

De 27 de Agosto a 2 de Setembro de 1990, a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Viana do Castelo, a exemplo do ano anterior, realizou uma Escola Cristã de Férias. Durante 7 dias, das 10-12 e das 15-17 h, as 20 crianças não-adventistas que beneficiaram desta iniciativa estiveram felizes em contacto com a Mensagem do Advento.

No variado programa foram efectuadas actividades de carác-

ter espiritual, cultural e recreativo, das quais destacamos as visitas efectuadas aos C.T.T. de Moura, Biblioteca Municipal e Rádio Geice.

No último sábado do programa foi-nos cedido gratuitamente um salão de cinema e à tarde foi passado no ecrã gigante: 3 histórias do Super-Livro (A Bíblia) de 20 minutos e um filme «Quem são os Jovens da Juventude Adventista em Viana do Castelo». No domin-



go tivemos na nossa igreja a festa de encerramento da E.C.F. O nosso objectivo, que era poder cativar os jovens e seus pais e encorajá-los a participar nos nossos clubes de Tições e Desbravadores, foi alcançado.

Estamos gratos ao grupo responsável da E.C.F., pela sua perseverança e alegria neste tão belo programa.

Não queremos também deixar de agradecer aos responsáveis do

Governo Civil de Viana, Direcção Escolar, Rádio Geice, C.T.T de Viana, Biblioteca Municipal, Grupo D. C. dos Estaleiros navais de V. Castelo e jornal *Falcão do Minho* pelo apoio concedido. Os nossos desejos são que em 1991 possamos juntos triunfar. Maranata!

**Álvaro Bastos**  
*Colporteur-Evangelista*

## Convenção de Professores

Educar para escolher é o principal objectivo do ensino sob o ponto de vista de Gordon, um pedagogo americano, não cristão, que recusa um esquema tradicional na comunicação entre Professor-Aluno: a descoberta da solução pelo educando vem substituir a imposição do conhecimento por parte do educador. Educando e educador encontram-se assim no mesmo nível, numa in-

teracção que constrói uma relação de amor.

No entanto, este método de características inovadoras e actuais não é senão uma aplicação directa da vivência e ministério de Cristo, método que nos é também apresentado no livro *Educação*, de E. White.

Orientado pelo Dr. Jean Michel Martin, este foi o objecto de estudo da Convenção de Profes-



res que se realizou no passado mês de Setembro, no Colégio Adventista de Oliveira do Douro, tendo tido a participação da maior parte do corpo docente das nossas escolas adventistas em Portugal.

Empenhados na obra evangelizadora, da qual fazemos parte, nós, professores que ali nos encontramos, procurámos igualmente definir estratégias a adoptar, estratégias que foram estabele-

cidas através de uma recolha enriquecedora de diferentes experiências.

Gratos pelos momentos que partilhámos em confraternização, agradecemos a Deus por cada oportunidade utilizada na meditação da Sua Palavra.

**Daniela Nunes**

*Professora no Ensino Secundário no Colégio Adventista de Lisboa.*

## Maranata I — 1990

Foi com grande alegria nos nossos corações e cheios do Espírito do Senhor, que decorreu mais um MARANATA, de 19 a 26 de Agosto, em Oliveira do Douro.

O convívio e a parte espiritual estiveram presentes entre os irmãos que para ali se dirigiram com o firme propósito de aprender mais do amor de Cristo. Este encontro foi bastante salutar, trazendo conforto às nossas almas e incentivando cada crente a testemunhar e a anunciar a breve volta do Senhor Jesus.

Este Maranata teve como responsável o Pr. José Carlos Costa, tendo o apoio do Pr. Júlio Cardoso e nas meditações e culto vespertino o Pr. Sérgio Teixeira. Foram focadas mensagens diversas

com um objectivo específico em comum: «Ide por todo o mundo» que é a ordem que o Senhor Jesus nos deu.

No que respeita à parte musical, formou-se um pequeno coro dirigido pela jovem Liliana Camacho Areosa, que através do canto honrou o nosso Deus e ofertou os presentes com melodias maravilhosas.

Encerrámos da melhor maneira este curso Maranata com uma Santa Ceia inesquecível, que nos uniu mais a Jesus, e no final da mesma todos prometeram, querendo Deus, estar de novo para o ano, em Oliveira do Douro.

**José Manuel Areosa**  
*Igreja de Leiria*

## Maranata II — 1990

De 26 de Agosto a 2 de Setembro, teve lugar, no Colégio Adventista de Oliveira do Douro, mais um Seminário MARANATA. Este ano, pelo grande número de inscrições, houve necessidade de realizar dois Seminários. Aquele de que falaremos neste artigo designou-se MARANATA II, pelo facto de se realizar em segundo lugar.

Durante os sete dias que durou o Seminário, pudemos sentir, de uma maneira muito especial, a

presença do Santo Espírito. Ali estávamos, num lugar à parte, para aprender em conjunto, como servir melhor o Senhor na obra de ganhar almas.

Nos 43 irmãos que ali se encontraram dia após dia, havia o sentimento e convicção da urgência em despertarmos como Igreja para os momentos solenes em que estamos vivendo.

«Hoje aprendamos como usar/ Os talentos que Jesus/ Nosso Mestre Outorgou a todos.» Este,



que foi o nosso hino-lemã, é a mensagem registada durante aqueles dias, e que desejamos transmitir a todos, através de uma vivência diária com Cristo.

Mas como foi este Seminário? Bom, o Seminário constou duma parte de enriquecimento espiritual, através da meditação e estudo da Palavra de Deus, da oração e dos hinos de louvor que cada dia era dirigida pelo Pr. Sérgio Teixeira e sua esposa Deolinda Teixeira. A irmã Deolinda, não só superintendeu a parte do louvor através do canto, como ainda se mostrou uma preciosa colaboradora, dando noções de solfejo a quantos o desejaram e ensaiando os coros que cada dia alegravam as nossas reuniões. Nesta área, muitos talentos foram revelados entre os irmãos.

A parte teórica/prática foi conduzida pelo Pr. José Carlos Costa, que só pôde estar nos dois primeiros dias, por motivos que se prenderam com as suas novas responsabilidades na Divisão, e pelo Pr. Júlio Cardoso que ministrou as classes nos restantes dias, contando ainda com a colaboração do Pr. Sérgio Teixeira.

Para além da recapitulação e incentivo do assimilado ao longo dos anos, foi focado, de uma maneira especial, a arte de dar Estudos Bíblicos, e não faltou uma apresentação prática, para que não restassem dúvidas. Como aplicação do aprendido durante o Seminário, tivemos uma saída missionária a Alpendurada e arredores. Depois de divididos em grupos de três pessoas (método utilizado para não sermos confun-

didados com as «Testemunhas de Jeová»), durante duas horas aproximadamente, saímos testemunhando a mudança operada por Cristo em nossas vidas. Como resultado, 35 pessoas mostraram interesse em serem visitadas para estudar a Palavra de Deus. Louvado seja o Senhor pelo trabalho realizado e que os irmãos de Alpendurada possam, em colaboração com o Pr. Sérgio Teixeira, atender à sede dessas almas!

Sexta-feira à noite, já no dia do Senhor, tivemos uma maravilhosa cerimónia de Santa-Ceia, em que as nossas irmãs capricharam para que tudo estivesse à altura de tão solene acto. Foi um momento de fraterna união e reconciliação cristã, que a todos tocou maravilhosamente.

No Sábado pela manhã, fomos gentilmente recebidos pela igreja em Oliveira do Douro. Onde, uma vez mais, pudemos sentir o afecto e simpatia que um irmão na mesma fé e no mesmo amor. A tarde prosseguiu como uma reunião de testemunhos do vivido durante a saída missionária. E à noite, concluímos com os testemunhos dos MARANATA veteranos, que nos contaram como foi mais um ano de trabalho em prol da Causa do Senhor Jesus, e a entrega de certificados.

O nosso maior desejo é que esta experiência possa ser vivida no próximo ano por um número cada vez maior de irmãos. MARANATA! O SENHOR VEM!

**Daniel Luís Vicente**  
Pastor da igreja de  
Ponte de Sor

## Aguardando a Ressurreição

**Manuel Joaquim Lourinho**



Pastor Manuel Lourinho.

Foi no passado dia 1 de Setembro que finalizou a carreira cristã do nosso querido e saudoso irmão, Pastor Manuel Lourinho. Adventista desde os 18 anos, era um dos veteranos da Causa do Senhor em Portugal ainda vivos. Conheceu um dos primeiros missionários no nosso País, o Pastor Paul Meyer, do qual ouviu pela primeira vez a mensagem do Advento na cidade de Portalegre. Mais tarde, fez os seus estudos de teologia, para ele mesmo vir a ser um obreiro na vinha do Mestre. Para além do seu trabalho em Portugal, foi ainda Presidente de Campo em Moçambique e Angola.

A sua veia jornalística fez dele representante do jornal «A Voz de Portalegre», e como jornalista internacional foi representante do «Bureau de Presse» da Conferência Geral.

Muitos lhe conheceram os seus dons como pregador e orador, bem como a facilidade com que citava de cor passagens das Escrituras.

Já reformado, não deixou de pregar, até que a vista e a audição lho permitiram.

Foi pois na fé que adormeceu este nosso querido amigo e irmão, o qual agradamos rever, quando Jesus vier nas nuvens do céu. A sua esposa, irmã Adelaide, que o acompanhou nestes últimos anos de vida, bem como a sua filha irmã Maria Manuela (Nélinha) e netos, os jovens João Manuel e Luz Helena, os votos de que o Senhor os conforte e ajude a seguir as pisadas do Mestre.

**Daniel Luís Vicente**  
Pastor Adventista

## Maria da Silva

Embora com bastante atraso, não queremos deixar de noticiar o falecimento da irmã Maria da Silva, ocorrido em Novembro de 1989. Contava 77 anos e era um dos membros mais antigos da igreja do Barreiro.

Com efeito, conheceu a mensagem do Advento por volta de 1935,

através do seu cunhado António Teixeira Graúdo que, por sua vez, a recebera da pioneira desta igreja, irmã Rosa Grelha.

Aceitando a nova fé de alma e coração, foi, no entanto, com grandes dificuldades que a princípio a conseguiu viver, pois seu marido, naquela época, opunha-se-lhe grandemente. Como a família vivia da agricultura e da venda dos produtos da terra, a nossa irmã, que ainda não conhecia a verdade do Sábado, procurava fazer coincidir a sua venda com esse dia, para assim poder ir ouvir a Palavra do Senhor. Porém, quando compreendeu a verdade do quarto mandamento, tomou de imediato a decisão de guardar este dia, iniciando assim grandes lutas fora e dentro do seu lar. Um dia o marido disse-lhe:

— Só vais à igreja se os meus pés forem à tua frente!

Isso significava que nunca mais lá poderia ir. Tudo o que Maria da Silva podia fazer era orar. E orou. Desde logo ela se tornou uma mulher de oração que, ao longo da sua vida, conheceu maravilhosas respostas da parte de Deus.

Um dia, sem qualquer razão aparente, José Teixeira Graúdo ficou paralizado. Tinha de ser levado ao colo para a cama e vice-versa. Quando assim se encontrava, recebia, numa noite, a visita do irmão. Depois de lhe falar de Jesus, do Seu amor e do Seu poder, resolveram todos orar. Antes da oração José lançou fora os seus remédios.

E Deus atendeu àquela fé nascente e fez, de facto, o milagre de o curar, o que resultou na sua conversão e entrega ao Senhor.

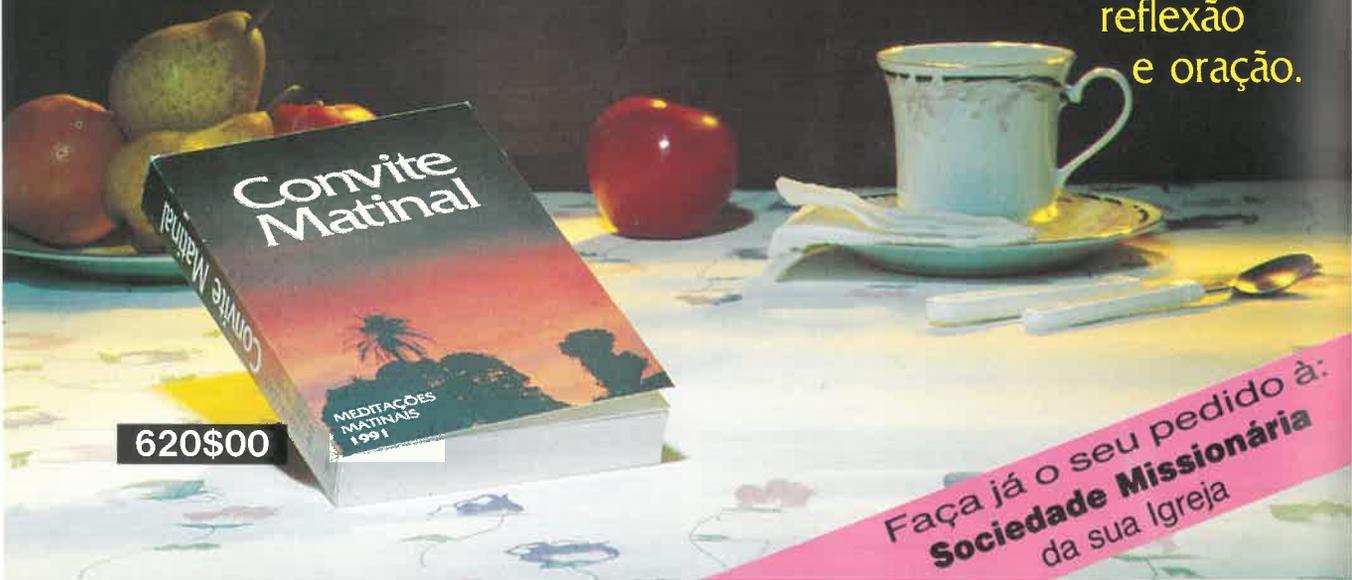
A vida difícil mas piedosa deste casal é um exemplo e uma inspiração para todos nós, crentes de hoje. Com dificuldade criaram nos caminhos do Senhor a seus quatro filhos, que, embora tenham passado por várias vicissitudes, estão todos na fé do Advento, aguardando a promessa do Senhor de novos céus e nova terra em que não haverá mais dor nem morte, nem separação. Da irmã Maria se pode dizer que as suas obras a seguem.

À família enlutada, nossos irmãos na fé, apresentamos sentidas condolências.

**M. R. Baptista**

# Meditações Matinais para 91

Estas Meditações convidam-nos a reservar cada manhã alguns momentos para reflexão e oração.



620\$00

Faça já o seu pedido à:  
**Sociedade Missionária**  
da sua Igreja

## LIVROS DO ESPÍRITO DE PROFECIA

STOCK LIMITADO

DISPONÍVEIS

VIDA E ENSINOS  
650\$00

CONSELHOS AOS  
PROFESSORES, PAIS E  
ESTUDANTES  
620\$00

O GRANDE  
CONFLITO (Brasil)  
1.500\$00

SERVIÇO CRISTÃO  
c/ Guia de Estudo  
(Brasil) 970\$00

COLPORTOR  
EVANGELISTA  
(Brasil) 780\$00

O MELHOR DA VIDA  
1.400\$00

A CIÊNCIA DO BOM VIVER  
800\$00



OBREIROS EVANGÉLICOS  
800\$00

EVANGELISMO  
(Brasil)  
1.230\$00

VIDA DE JESUS  
500\$00

CONTACTE A:  
**SOCIEDADE  
MISSIONÁRIA**